

ARTIGO

**O USO DE GÍRIAS E EXPRESSÕES LGBTQIA+ POR MULHERES CIS-
HETEROSSEXUAIS**

The use of LGBTQIA+ slang and expressions by cis-heterosexual women

El uso de jergas y expresiones LGBTQIA+ por mujeres cis-heterosexuales

Eduardo ALVES VIEIRA¹

Recebido em: março de 2022

Aceito em: setembro de 2022

DOI: 10.26512/les.v23i2.42475

¹ Eduardo Alves Vieira é professor assistente de Linguística e Língua Portuguesa no Centro de Linguística da Universidade de Leiden, Países Baixos. É graduado em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), mestre em Ensino de Espanhol como Segunda Língua com especialização em estudos pragmáticos e doutor em Estudos Artísticos, Literários e Culturais pela Universidade Autônoma de Madri, Espanha. E-mail: e.alves.vieira@hum.leidenuniv.nl. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2273-7287>.

RESUMO

Estudos da Linguística Queer priorizam o uso da língua(gem) por pessoas que se identificam com a comunidade LGBTQIA+ e excluem falantes que se identificam como cisgênero-heterossexuais. Portanto, analisamos neste trabalho os fatores sociolinguísticos que influenciam o uso do pajubá, também conhecido como o dialeto LGBTQIA+, por falantes cis-hetero. Através de um questionário online, recompilamos e analisamos dados sobre as atitudes e usos do pajubá de acordo com 387 participantes que se identificam como mulheres cis-hetero. Nossos resultados mostram que as participantes utilizam as gírias e expressões pajubeiras ainda que nem sempre sejam conscientes de que estas derivem da comunidade LGBTQIA+.

Palavras-chave: Linguística queer. Dialeto pajubá. LGBTQIA+. Variação linguística.

ABSTRACT

Much of the Queer Linguistics research focuses on how members of the LGBTQIA+ community use language(s) and excludes people who identify as cisgender-heterosexual. Therefore, this study analyzes the sociolinguistic factors that influence the use of Pajubá, also known as the Brazilian LGBTQIA+ dialect, according to speakers who identify as female, cisgender, and heterosexual. Data comes from an online Qualtrics questionnaire completed by 387 cis-het women about their attitudes and use of Pajubá. Results show that these participants use Pajubá slang and expressions, although they are not always aware that they stem from a queer LGBTQIA+ community.

Keywords: Queer Linguistics. Pajubá dialect. LGBTQIA+. Language variation.

RESUMEN

Estudios de la Lingüística Queer priorizan el uso del lenguaje por personas que se identifican con la comunidad LGBTQIA+ y excluyen hablantes que se identifican como cisgénero-heterossexuales. Por tanto, este trabajo analiza los factores sociolingüísticos que influyen el uso del pajubá, también conocido como el dialecto LGBTQIA+, por hablantes cis-hetero. A través de un cuestionario online, recompilamos y analizamos datos sobre actitudes y usos del pajubá conforme 387 participantes que se identifican como mujeres cis-hetero. Nuestros resultados muestran que las participantes utilizan las jergas y expresiones pajubeiras, aunque ni siempre estén conscientes de que estas deriven de la comunidad LGBTQIA+.

Palabras clave: Lingüística queer. Dialecto pajubá. LGBTQIA+. Variación lingüística.

INTRODUÇÃO

Apesar de a Linguística Queer (LQ) ter surgido no começo do século XXI nas universidades do Brasil, a disciplina ainda pode ser considerada uma recente área de estudos científicos no país (BORBA, 2015). Enquanto acadêmicos internacionais já publicavam estudos linguísticos sob os paradigmas teóricos propostos pela LQ desde 1970, a representatividade desse campo disciplinar se deu mais tarde em terrenos brasileiros.

Devido a este atraso nos estudos da LQ sobre e em português brasileiro, identificamos algumas lacunas que gostaríamos de preencher para que essa área de estudo continue se estabelecendo no país. Por exemplo, muitos estudos sobre dialetos *queer* sobre/no português e outros idiomas excluem participantes cisgênero heterossexuais por estes não fazerem parte da comunidade LGBTQIA+ (KULICK, 2000; KELSEY, 2009, LEWIS, 2018). Portanto, na tentativa de contribuir com os estudos linguísticos de natureza *queer* no Brasil e preencher algumas de ditas lacunas, analisamos neste trabalho os fatores sociolinguísticos que influenciam o uso e a difusão do dialeto

pajubá (também conhecido como dialeto LGBTQIA+) por falantes que não fazem parte daquela comunidade.

Mais especificamente, através de um questionário online desenvolvido com o software *Qualtrics*, analisamos as atitudes linguísticas de 387 mulheres que se identificam como cisgênero e heterossexuais para corroborar as hipóteses de que as barreiras linguísticas são porosas (LINDSTROM, 1998) e que o pajubá já não é exclusividade da comunidade LGBTQIA+. Igualmente, trabalhamos sob a hipótese de que nossas participantes são propensas a utilizar gírias e expressões advindas do pajubá (LAU, 2015; BARROSO, 2017), contribuindo para uma queerização do português brasileiro.

Na seção 1 focamos nos estudos da LQ, primordialmente sobre/em português, que apontam para as lacunas que este trabalho pretende preencher. Na seção 2, contextualizamos o trabalho dando destaque à influência da língua iorubá no português brasileiro já que esta originou o dialeto discutido neste artigo. Introduzimos na seção 3 os estudos prévios sobre o pajubá que também nos permitiram formular as hipóteses apresentadas no parágrafo anterior. Na seção 4, apresentamos respectivamente a metodologia utilizada para a coleta e análise dos dados e a descrição dos perfis das participantes. Então, na seção 5 trazemos os resultados do estudo e sua análise e finalmente concluímos o trabalho reiterando as principais implicações do estudo, propondo novos horizontes para a expansão de pesquisas e projetos que tenham como ponto de partida a LQ e a variação dialetal do português.

1. A LINGUÍSTICA QUEER NO BRASIL

Foi no início do século XXI que a LQ apareceu no contexto acadêmico brasileiro e quase vinte anos mais tarde, muita coisa mudou e a disciplina já se vê consolidada como um campo de investigação no Brasil (BORBA, 2015).

Assim como Borba (2015), consideramos este seu texto como o primeiro debate sistemático sobre LQ em português brasileiro, ainda que capítulos de *Queerly Phrased: Language, Gender and Sexuality* (LIVIA; HALL, 1997), um cânone nos estudos da LQ internacional, tenham sido traduzidos para o idioma em 2010. De acordo com Borba, a partir de seu texto e da tradução daqueles capítulos, outros trabalhos apareceram no Brasil em diferentes formatos, entre eles, dissertações, teses doutorais, artigos científicos etc.

Entre as produções acadêmicas realizadas através das lentes da LQ, vemos uma extensa gama de tópicos já explorados que mostram como o ambiente acadêmico brasileiro tem se interessado em expandir os limites temáticos formais vigentes no século passado dentro da linguística aplicada através de estudos como os realizados pela LQ (SILVA; MELO, 2020).

Entre aquelas produções, destacamos as contribuições de autoras/es como as/os do dossiê da *Revista Cadernos de Linguagem e Sociedade* intitulado **Perspectivas queer nos estudos da linguagem** organizado por Silva e Melo (2020). De forma inédita, gratuita e pública, Silva e Melo reuniram em português num periódico brasileiro textos linguísticos que problematizam questões sociais e políticas como a exclusão de minorias sexuais, de gênero e raciais tipicamente desprestigiadas pelos estudos linguísticos tradicionais. Por exemplo, encontramos no dossiê o artigo de Melo (2020) que analisa como um dos jornais mais conhecidos do país, a Folha de São Paulo, cobre a Parada do Orgulho LGBTQIA+ da cidade e acentua a visibilidade de seus participantes, respondendo à mercantilidade do evento e acompanhando “[...] um padrão de agendamento social da imprensa e da sociedade contemporânea, tendente a compreender, muitas vezes, o papel da mídia como uma janela de espetáculos e/ou promotora de denúncias dos problemas sociais vigentes” (p. 325). Igualmente, encontramos textos como o de Lopes e Fabrício (2020) que questionam a natureza epistemológica sobre a produção do conhecimento e demonstram como “teorizações *queer* e visões performativas da linguagem apresentam enormes vantagens epistêmicas” (p. 381).

A LQ nos ajuda a “construir inteligibilidades sobre as (1) imposições ideológicas impostas a indivíduos em contextos locais e [entender] (2) as relações de fluidez mútua entre linguagem e sexualidades” (BORBA, 2015, p. 102). No entanto, ainda que estudos linguísticos sejam indispensáveis e cada vez mais estabelecidos na literatura internacional (LOPES & FABRÍCIO, 2020), no Brasil, a LQ se encontra em um estágio inicial e mais estudos sob este paradigma epistemológico são incentivados (BORBA, 2015; SILVA & MELO, 2020). Em outras palavras, as recentes publicações do inédito dossiê organizado por Silva e Melo (2020) e do primeiro livro inteiramente dedicado à disciplina (BORBA, 2020) são claros exemplos de tal estágio inicial e atual da LQ no país, o que nos mostra que este campo de pesquisa merece mais atenção dentro da academia brasileira. Discutir aqui todos esses textos que vêm fomentando tal debate foge do escopo deste trabalho. No entanto, recomendamos a leitura dos textos mencionados para mais informações sobre o desenvolvimento de uma linguística que se estabelece *Cuir* (LEWIS, 2020).

Portanto, afirmamos que a LQ já é mais do que realidade no cenário acadêmico do Brasil, ainda que existam muitas lacunas teóricas, metodológicas e temáticas a serem preenchidas (BORBA, 2015). Entre tais lacunas, destacamos o fato de que muitas das pesquisas em LQ propagam uma homonormatividade ao focarem em falantes que se identificam como homossexuais, homens ou mulheres, e excluem participantes de outras categorias identitárias ou práticas sexuais avessas à cis-heteronormatividade, como a bissexualidade e a prática do *pegging* (LEWIS, 2018, 2020), para citar apenas algumas.

Especificamente, com relação a estudos sobre o léxico da língua portuguesa utilizado para descrever membros da comunidade LGBTQIA+, encontramos o *Portugayese* publicado por Dynes em 1995. Em sua coleta preliminar em forma de lista de palavras, Dynes explicou que não tinha a intenção de analisá-las semanticamente, ou seja, apenas as categorizou em uma espécie de texto-capítulo-dicionário elencando algumas das palavras que definiam os homens homossexuais passivos, ativos ou indeterminados e lésbicas no livro *Latin American Homosexualities* (MURRAY, 1995).

Textos como *Portugayese* abriram os caminhos para a publicação de outros estudos sobre o linguajar utilizado por pessoas heterossexuais para descrever a comunidade LGBTQIA+, bem como sobre o léxico usado entre os membros da própria comunidade. Igualmente, estudos sobre o pajubá, o dialeto LGBTQIA+ do Brasil e objeto de estudo desta pesquisa, também têm recebido a atenção de acadêmicos pelo país afora e serão discutidos mais adiante.

Quando olhamos para a literatura (inter)nacional sobre os estudos dos códigos linguísticos de comunidades LGBTQIA+, vemos a mesma tendência, participantes de outras sexualidades dissidentes ou cisgênero heterossexuais são excluídos das pesquisas em LQ (KULICK, 2000; KELSEY, 2009). Tal exclusão não se justifica, porque como recém mencionado, as barreiras linguísticas são extremamente porosas (LINDSTROM, 1998) e do mesmo modo que um/a falante LGBTQIA+ se apropria do que seria uma “linguagem heterossexual” (LEAP, 1995), um/a falante cis-hetero também pode utilizar o que seria uma “linguagem *queer*”.

Consequentemente, o presente trabalho tem dois objetivos principais: preencher algumas das lacunas mencionadas aqui e assim contribuir para a expansão dos estudos da LQ no Brasil e em português; e entender o uso do léxico pajubeiro por falantes cis-heterossexuais, já que até o momento nenhum estudo contemplou a participação desse perfil de falante de maneira sistematizada. Logo, discutimos neste trabalho as atitudes linguísticas de mulheres cis-heterossexuais com relação ao dialeto LGBTQIA+ brasileiro, também conhecido como pajubá.

2. DE MATRIZES AFRICANAS AO DIALETO LGBTQIA+

Nesta seção, focamos no período histórico da colonização do Brasil para explicar a influência linguística do iorubá no português brasileiro e então contextualizar como essa influência originou o dialeto pajubá.

O tráfico negreiro no Brasil durou mais de 350 anos, de 1502 a 1860, e estima-se que durante este período, mais de 10 milhões de africanos foram transportados para o país para serem escravizados e servirem de mão-de-obra (GOMES, 2019). Devido à presença desses grupos africanos e indígenas originários do Brasil, a língua portuguesa europeia imposta a todos no período da colonização evoluiu

ao que hoje entendemos como português brasileiro. Provar que o idioma foi influenciado por línguas africanas foge do escopo deste trabalho, afinal, outros estudos já expuseram de forma sistemática tal evolução linguística (MENDONÇA, 1933; ALONSO, 2014).

Muitos daqueles grupos foram primordialmente recolocados nos estados de Pernambuco e Bahia e em seguida no Rio de Janeiro que se tornou um espaço de grande concentração do grupo bantu, principalmente os quimbundos que reemigravam de Pernambuco (BARROSO, 2017). Foi também neste período de reconfiguração geográfica e étnica do país que o grupo dos iorubás permaneceu na Bahia e se consolidou como o maior grupo étnico africano do estado (BARROSO, 2017). Neste trabalho, abreviamos o plurilinguismo africano para destacar a presença da língua iorubá no Brasil, mais especificamente na Bahia, bem como suas particularidades que influenciaram o português brasileiro.

Ao fazer um levantamento linguístico e etnográfico sobre os grupos de africanos que viviam na Bahia no final do século XIX, Rodrigues (1932 *apud* Barroso, 2017) constatou que entre 1815 e 1874, o número de indivíduos escravizados passou de 500,000 a 173,639. Rodrigues também atestou, através de documentos escritos e de coleta de itens lexicais, a presença de seis línguas predominantes naquele estado: em primeiro lugar o iorubá; seguido de jeje ou ewe; haussá; kanúri; tapa, nifê ou nupê; e a língua dos ‘negros’ gurúnces.

De acordo com o Ethnologue (EBERHARD; SIMONS; FENNIG, 2022), o iorubá, uma das línguas provinciais da região sudoeste da Nigéria, tem hoje cerca de 44,600,000 falantes neste país, sendo que 42,600,000 são nativos do idioma e 2,000,000 o falam como segunda língua. Igualmente, o idioma é ensinado em escolas secundárias nigerianas e utilizado em jornais, rádio, tv, dicionário e gramáticas.

Devido sua predominância no Brasil, o iorubá passou a ser escrito há cerca de cento e cinquenta anos no país e se firmou como língua educacional e literária, influenciando assim o português brasileiro tanto em termos lexicais quanto estruturais nos campos da morfossintaxe e da morfosemântica (BARROSO, 2017). Igualmente, devido à importância histórica do iorubá no país, também conhecido pelo nome de nagô, Beniste (2011) publicou o *Dicionário Yorubá-Português* que descreve o alfabeto da língua, sua fonética, fonologia e prosódia.

Além de seus usos acadêmicos, destacamos também que o iorubá é um idioma de cerimônias religiosas de matrizes cristãs (utilizado na leitura da bíblia de 1900 a 2005), muçulmanas e religiões tradicionais nigerianas (EBERHARD; SIMONS; FENNIG, 2021).

Com relação ao caráter religioso do iorubá no Brasil, sabe-se que na década de 60, a influência do idioma no português brasileiro tornou-se mais visível através da literatura e da música de cantores e compositores ligados à religião do candomblé. Esses artistas por vezes cantavam os

pontos de umbanda em suas canções, promovendo o iorubá pelo Brasil através de sua arte, como por exemplo: “Dorival Caymmi, Toquinho, Vinicius de Moraes, Maria Bethânia, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Martinho da Vila e Clara Nunes” (BARROSO, 2017, p. 37).

Na década de 70, com o processo de re-africanização, ou seja, a tentativa de tornar os cultos religiosos mais próximos aos originais trazidos da África, pais e mães de santo, assim como intelectuais nigerianos, valorizavam o uso exclusivo do iorubá em seus rituais para manter a autenticidade e africanidade religiosas (BARROSO, 2017). Ainda que a língua não fosse exclusiva nesses eventos religiosos, o iorubá ocupa(va) lugar de destaque no Brasil, sobretudo no estado da Bahia, onde o grupo se tornou predominante e onde o primeiro templo oficial de candomblé foi fundado no começo do século XIX (CANDOMBLÉ AT A GLANCE, 2009).

O candomblé, e conseqüentemente as línguas utilizadas durante seus cultos religiosos, tem sido segregado socialmente no Brasil desde o período colonial devido a assimilação que lhe foi imposta à feitiçaria e à magia negra. Por esse motivo, instaurou-se uma hostilidade contra a religião que combateu o preconceito de forma contrária, ou seja, recebendo grupos e pessoas também marginalizadas na sociedade brasileira. Neste sentido, como coloca Cruz & Tito (2016, p. 16) “[...] pode-se dizer que foi a “abertura de portas” para o ingresso dos homossexuais poderem dedicar-se a uma crença religiosa, sem que fossem discriminados ou tivessem de abdicar de sua orientação sexual em prol de um dogma religioso”.

Em outras palavras, o iorubá se estabeleceu no Brasil através de rituais religiosos do candomblé trazidos pelos africanos escravizados durante o período colonial. Por se tratar de uma língua subjugada socialmente, era utilizado de forma secreta pelos seus falantes para esconderem suas identidades culturais e práticas religiosas (BARROSO, 2017; CRUZ & TITO, 2016). Como mostra a literatura consultada para este estudo, a marginalização do idioma iorubá e das práticas religiosas de matrizes africanas foi o que fomentou um diálogo cultural e religioso com outros grupos também subjugados no país, entre eles os homossexuais e as mulheres trans e travestis. Conseqüentemente, ao olharmos para a presença do iorubá no contexto brasileiro, ressaltamos a importância que o idioma teve historicamente e segue tendo, pois, o português falado no país também tem sido influenciado por essa língua e cultura desprestigiadas desde o período da colonização. O iorubá, antes conhecido como “um idioma escravizado”, possibilitou mudanças linguísticas no português brasileiro como o surgimento do pajubá entre os/as homo/transsexuais praticantes do candomblé; dialeto este que discutimos na seção a seguir.

3. O PAJUBÁ

Assim como a língua iorubá, o dialeto pajubá (também escrito como bajubá) tem sido objeto de pesquisa acadêmica entre estudiosos no Brasil que seguem os aportes teóricos da LQ no país. Sobretudo, os usos do léxico pajubeiro, ou mais especificamente de suas gírias e expressões idiomáticas, assim como das linguagens pajubeiras como um complexo linguístico mais amplo, têm despertado o interesse de alunos de graduação (SILVA, 2018; NETTO JUNIOR, 2018), de mestrado (BARROSO, 2017) e de doutorado (LIMA, 2018; MOURA, 2018). Tal uso lexical também tem motivado diversas publicações: sobre o pajubá especificamente (LAU, 2017; CRUZ; TITO, 2016); sobre o uso do léxico *queer* que perpassa uma norma discursiva homossexual oculta (LEWIS, 2018); e sobre novas formas de linguagem referentes aos sujeitos discursivos aplicadas à língua portuguesa que não marcam o binarismo de gênero social através do binarismo do gênero gramatical (LAU; SANCHES, 2019).

Entre as teorias sobre o pajubá, há autores que o classificam como a linguagem, dialeto, gírias e vocábulos utilizados exclusivamente por pessoas alfabetizadas ou não da comunidade LGBTQIA+, sobretudo por mulheres trans e travestis e homens homossexuais (LAU, 2017). No dialeto falado, utiliza-se uma mescla lexical entre o iorubá, o próprio pajubá, o português, e o tupi em menor grau, que se apoiam nas bases gramaticais e fonológicas da língua portuguesa (SCIPPER; LIBI, 2013).

É entendido como uma espécie de código secreto utilizado pelas comunidades de prática LGBTQIA+ (LAU, 2015), o que se evidencia na tradução do nome do dialeto do iorubá para o português: *mistério* ou *segredo* (BENISTE, 2011). No entanto, muitas vezes, esse aspecto secreto do dialeto é ressignificado pela comunidade que também o entende como fofoca ou novidade (BARROSO, 2017). Afinal, é possível que aconteçam mudanças semânticas das palavras do iorubá ao serem recontextualizadas no pajubá (BARROSO, 2017).

Pode ser visto também com uma espécie de instrumento de ataque e defesa social utilizado pela comunidade LGBTQIA+ (SILVA, 2018) quando submetidos à discriminação e preconceito. Em alguns casos, há palavras que ofendem os membros da comunidade que por sua vez as reapropriam, como é o caso da palavra “bicha” que antes somente invocava preconceito e hoje é utilizada como vocativo entre amigos da comunidade LGBTQIA+ (LAU, 2015; SILVA, 2018). Também é entendido por alguns como um dialeto de resistência sociolinguística (LIMA, 2018), um modo de eufemizar as expressões de cunho pornográfico utilizadas por sujeitos homoafetivos e seu uso serve como meio de diversão para estes indivíduos (BARROSO, 2017).

Ademais, é através do contato com o pajubá que jovens LGBTQIA+ no Brasil iniciam seus questionamentos sobre as múltiplas identidades de gênero e orientações sexuais (BARROSO, 2017).

No que concerne ao uso do dialeto na mídia, sabe-se que o pajubá começou a se expandir após o período da ditadura. No final da década de 70 e começo de 80, o dialeto passou a ganhar mais expressividade entre os homens gays no Brasil; por exemplo, através da publicação de *O Lampião da Esquina* durante 1978 e 1981 - sendo este o primeiro jornal de temática homossexual do país (TREVISAN, 2018). No entanto, foi na década de 90 que “o termo pajubá começou a ser reconhecido pela comunidade LGBTQIA+ como o nome dado às expressões que já tomavam conta das grandes metrópoles do país” (BARROSO, 2017, p. 19). Igualmente, através de revistas eróticas de temática gay como a *G Magazine* vendida nacionalmente, ou de revistas regionais como a *Meio Termo* de Manaus, o pajubá começou a se difundir entre os falantes da comunidade LGBTQIA+ espalhados pelo Brasil (BARROSO, 2017).

Atualmente, o dialeto também influencia novas formas de comunicação, contribuindo para a criação de memes no meio digital que apontam para práticas linguísticas de representatividade social e que concomitantemente refletem a variabilidade do português brasileiro (SILVA, 2018). Da mesma forma, o pajubá é disseminado através de programas de televisão e redes sociais (BARROSO, 2017), podcasts (LAU, 2017) e até mesmo através de documentos oficiais, como por exemplo na prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) de 2018 que contou com uma questão sobre o “dialeto secreto dos gays e travestis” (G1, 2018).

Logo, pensar que o pajubá continua sendo uma exclusividade da comunidade LGBTQIA+ não tem mais sentido, afinal pessoas cisgênero heterossexuais também têm contato com o dialeto (in)diretamente e utilizam as gírias e expressões pajubeiras (LAU, 2015). Além disso, muito do conhecimento que os heterossexuais têm sobre o universo LGBTQIA+ no Brasil se deve à mídia televisiva que desde a década de 80 traz em seus programas personagens homossexuais, ainda que muitas vezes através de uma encenação estereotipada, pejorativa e caricata (BARROSO, 2017).

Ao consultarmos a literatura acima, encontramos estudos que apontam a relação entre os falantes cis-heterossexuais do português brasileiro com o pajubá. Por exemplo, Lau (2015) e Barroso (2017) afirmam que o uso das gírias e expressões pajubeiras não se limita mais apenas à comunidade LGBTQIA+. Ambos os autores argumentam que mulheres cisgênero heterossexuais também favorecem a difusão do pajubá pelo português brasileiro porque são elas as que mais se relacionam com a comunidade LGBTQIA+. No entanto, apesar de afirmarem tal relação entre aqueles grupos, ao nosso ver, os estudos de Lau e Barroso analisam dados que não corroboram tal hipótese. Enquanto o estudo de Lau carece de dados quantitativos sobre o tema, Barroso, em sua enquete virtual, se limita a saber a sexualidade de seus participantes, questionar se estes já tinham ouvido falar do pajubá e

através de qual meio de comunicação e perguntar se as/os participantes consideravam o pajubá uma língua, um dialeto, gíria etc. Ainda que a opinião das/os participantes da pesquisa de Barroso sobre a classificação linguística do pajubá tenha sido relevante para o estudo do autor, não entendemos o critério utilizado pelo mesmo neste questionamento já que as diferenças entre os conceitos de língua e dialeto são muitas vezes difíceis de se limitar - ainda mais quando se trata de analisar opiniões de pessoas leigas no assunto.

Neste sentido, conduzimos esta pesquisa na tentativa de elaborar as hipóteses de Lau (2015) e Barroso (2017) e sistematizar os fatores sociolinguísticos que influenciam o uso e difusão do pajubá entre mulheres que se identificam como cisgênero e heterossexuais falantes nativas do português brasileiro. Focamos nesse grupo porque como discutimos anteriormente, faltam estudos sobre como ele se relaciona com os indivíduos da comunidade LGBTQIA+ e usam seu modo *queer* de falar (KULICK, 2000). Igualmente, muitos dos estudos têm se limitado a analisar a forma que homens homossexuais utilizam a língua, contribuindo para uma homonormatividade dentro dos estudos *queer* no Brasil (LEWIS, 2018). Logo, apresentamos na seguinte seção, a metodologia utilizada em nossa coleta de dados e os perfis das participantes para então discutirmos os resultados da pesquisa.

4. METODOLOGIA E PARTICIPANTES

Utilizamos dois critérios obrigatórios para a participação na pesquisa virtual: a) as/os participantes deveriam ter mais de 18 anos para que não precisássemos pedir permissão dos responsáveis e b) serem falantes nativas/os do português brasileiro, independentemente de onde morassem, no Brasil ou no exterior. Decidimos abrir a pesquisa para qualquer falante nativa/o do português brasileiro porque com o acesso à internet, a língua e suas variações não se limitam mais às bordas geográficas.

O questionário online, desenvolvido com o software *Qualtrics*, resultou apropriado para este estudo porque o método consiste em uma técnica sistemática de coleta de dados com grande alcance geográfico capaz de produzir dados a serem analisados qualitativa e quantitativamente (SUE; RITTER, 2012). Seguindo as orientações de Sue e Ritter (2012), primeiramente definimos os objetivos do trabalho: descobrir e sistematizar os fatores que influenciam o uso e a difusão do pajubá no português brasileiro na contemporaneidade e preencher a lacuna que existe na literatura com relação ao uso do dialeto por mulheres cisgênero heterossexuais. Trabalhamos sob as hipóteses de que o dialeto não é mais uma exclusividade da comunidade LGBTQIA+ (LAU, 2015; BARROSO, 2017) e que ao incorporarem o pajubá em seu falar cotidiano, as participantes contribuem para a mudança linguística que está acontecendo no português, *queerizando* o idioma.

Com os objetivos e hipóteses estabelecidos, consultamos a literatura sobre o pajubá (seção 3) e desenvolvemos o questionário com itens de diferentes formatos, entre eles, perguntas de múltipla escolha e discursivas. Na primeira parte do questionário, focamos nos dados pessoais das/os participantes como idade, região ou país de residência, orientação sexual, identidade de gênero e grau de escolaridade. A primeira pergunta que consistia em saber a idade das/os participantes serviu como filtro para direcionar aquelas(es) com menos de 18 anos para o final da pesquisa, ou seja, proibindo sua participação por serem menores de idade. Na segunda parte da pesquisa, elaboramos perguntas sobre o conhecimento que as/os participantes tinham sobre o pajubá, seus usos e atitudes linguísticas com relação ao dialeto.

Após testarmos o questionário com colegas falantes nativos de português brasileiro, solicitamos a autorização do comitê de ética da Universidade de Leiden para coletar os dados para este projeto. Em seguida, distribuímos o link do questionário em redes sociais (Facebook, WhatsApp, LinkedIn) para que fosse preenchido de forma anônima e voluntária.

Conseguimos que 1,085 pessoas respondessem o questionário entre 2 e 16 de fevereiro de 2021. Após excluirmos as respostas incompletas, chegamos a 910 participantes dos quais 387 se identificaram como mulheres cisgênero e heterossexuais no momento da pesquisa. A coleta de dados envolveu outros perfis de participantes, mas para este trabalho, focaremos naquelas mulheres para responder à pergunta de pesquisa e corroborar as hipóteses propostas.

Consideramos os resultados como amplamente representativos pelo fato de não termos selecionado apenas um perfil de participante. Igualmente, os dados do perfil selecionado para análise não serão utilizados na testagem de hipóteses, portanto, reiteramos que todas as respostas analisadas a seguir são de participantes com mais de 18 anos que se identificaram como mulheres cisgênero e heterossexuais quando participaram do questionário. Além disso, todas as participantes são falantes nativas do português brasileiro e moram nas cinco regiões brasileiras ou no exterior.

1. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, focamos a) no nível do conhecimento que as participantes têm sobre o pajubá; b) na frequência de uso pelas mesmas ou por pessoas heterossexuais que conhecem; c) nas opiniões que têm sobre as gírias e expressões pajubeiras; e d) nos porquês de as pessoas usarem o dialeto. Igualmente, evidenciamos os locais e situações em que nossas participantes mais ouvem o dialeto.

Ao analisarmos os dados do questionário, ficou evidente que as participantes que se identificam como mulheres cisgênero heterossexuais têm conhecimento sobre as gírias e expressões pajubeiras, as utilizam em maior ou menor grau e possuem opiniões positivas sobre o dialeto bem como sobre a variação linguística emergente da comunidade LGBTQIA+.

Logo no início da seção dois da pesquisa, perguntamos se as participantes já tinham ouvido falar do dialeto. Contextualizamos a pergunta com a informação de que o pajubá tinha sido tópico de uma das noventa perguntas que compuseram o ENEM em 2018. Ao mesmo tempo, oferecemos três exemplos de gírias para facilitar a introdução da discussão: “amapô” (mulher), “mona” (mulher ou homem afeminado), “babado” ou “bafo” (utilizado para falar de algo polêmico, inusitado, fofoca). Em resposta a esta pergunta, 217 participantes disseram que sim e 170 escolheram a opção não. Em seguida, perguntamos se as participantes conheciam quaisquer gírias e/ou expressões tipicamente utilizadas pela comunidade LGBTQIA+. Surpreendentemente, o resultado da questão anterior mudou exponencialmente: 61 mulheres disseram que não e 326 disseram que sim.

Também perguntamos quais eram as gírias/expressões pajubeiras mais utilizadas pelas pessoas heterossexuais. 92 participantes deixaram essa resposta em branco, 8 disseram que não sabiam e as demais (287 participantes) especificaram diferentes gírias/expressões das quais listamos algumas a seguir.

TABELA 1: Gírias e expressões pajubeiras utilizadas por mulheres cis-heterossexuais.

Gíria	Variantes	Número de vezes			
			Aquendar	Acoendar, Aquendar, Aquendar a neça	3
Babado	Babado, Babado forte	80	Estar passada	Passada, Tô passada	3
Bafo	Bafao, Bafão, Bafo, Bafô, Bafo (fofoca), Bafônica, Bafonico, Bapho, Baphonico	67	Mano(a)	Mana, Mano (São Paulo), Mermã	3
Mona	Mona, Mona - somente usada quando héteros estão com amigos lgbtqia+, Monaa	64	Racha	Racha, Raxa	3
			Se joga	Se joga	3
Arrasar	Ahasô, Arraso, Arrasô, Arrasou, Arrazou	17	Boy Magia	Boy Magia	2
Bofe	Bofe	15	Chuca	Chuca, Fazer a chuca	2
Uó	Uó, Uó ? (Mas já ouvi outras), Uó!	13	Fazer a egípcia	Fazer a egípcia	2
Lacrar	Lacrar, Lacre, Lacrei, Lacrou	8	Fazer/Dar a Elza	Dar a elza, Fazer a Elza	2
Bicha	Besha, Bi, Bicha	6	Miga	Miga, Miga sua loka	2
Sextou	Sextou	4	Tudo de bom	Algo é tuuuuudo (de bom), Alguém é tuuuuudo (de bom)	2
A louca	A Loka, Aloka, Fazer a loka	3			

Fonte: elaborada pelo autor

É importante mencionar que não tivemos a intenção de catalogar as gírias e expressões pajubeiras existentes porque para isso já contamos com a contribuição de *Aurélia: a dicionária da língua afiada* (SCIPPER; LIBI, 2013) que traz 1300 itens lexicais utilizados pela comunidade

LGBTQIA+. Como se pode ver, o nome da dicionária é uma paródia com o nome de um dos dicionários mais conhecidos do Brasil. Essa feminização do nome Aurélio proporcionada pelo gênero gramatical binário da língua portuguesa é uma estratégia discursivo-pragmática muito corriqueira entre homens homossexuais (LIMA, 2018) que costumam trocar o gênero masculino de substantivos comuns e próprios.

O que quisemos exemplificar com as gírias e expressões da tabela 1 são as possíveis contribuições do pajubá para uma queerização e evolução linguística do português. Com uma ortografia inovadora que desafia as regras da língua portuguesa, os usuários do pajubá provocam as normas vigentes da língua e possibilitam uma evolução linguística ao idioma que são fundamentadas numa identidade queer, onde o uso e variação de palavras avessas ao que se tem estabelecido gramaticalmente como regra ganha espaço, contribuindo assim para novas formas de se ler, falar e entender o português. Por exemplo, vemos na tabela acima que em pajubá o fonema /f/ pode ser representado ortograficamente pela letra *f* ou por *ph* (*bafonico ou baphonico*). Igualmente, o fonema /R/ pode ser representado por *rr* ou *h* como no caso da palavra *arrasou* (*Ahasô – Arrasô*) - para citar apenas alguns exemplos de como o pajubá incentiva a variação linguística do português brasileiro.

Assim como mostrado por Lima (2018), a essência queer do pajubá proporciona inovações linguísticas que emulam o falar e maneirismos de pessoas que desafiam ordens sociolinguísticas na tentativa de reclamar espaços públicos que as excluem e afirmar seus corpos, sexualidades e gêneros dissidentes. Entre essas pessoas, Lima destaca o ativismo de homens gays afeminados, mulheres trans e travestis que são as pessoas que mais utilizam o pajubá e conseqüentemente lutam por uma linguagem e sociedade mais inclusiva. Ou seja, subverter a ordem e o discurso gramatical do português através do uso do pajubá é, ao mesmo tempo, uma forma de resistência sociolinguística e uma oportunidade de evolução linguística propiciada por aquelas/es que pertencem à comunidade LGBTQIA+ e que usam as gírias e expressões pajubeiras. Do mesmo modo, percebemos com os exemplos da tabela 1 que nossas participantes também desafiam tais regras gramaticais e contribuem para a evolução da língua portuguesa, independente de sua sexualidade e identidade de gênero hegemônicas.

Também perguntamos sobre a frequência com as quais i) nossas participantes e ii) seus conhecidos heterossexuais utilizavam as gírias/expressões pajubeiras. Respectivamente, obtivemos os resultados apresentados nas tabelas 2 e 3 abaixo.

TABELA 2: Frequência com a qual as participantes mulheres cis-heterossexuais utilizam o pajubá

Frequência	Porcentagem	Total em números
Sempre	5.17%	20
Às vezes	35.40%	137
Raramente	40.31%	156
Nunca	19.12%	74

Fonte: elaborada pelo autor

TABELA 2: Frequência com a qual as pessoas heterossexuais conhecidas das nossas participantes utilizam o pajubá

Frequência	Porcentagem	Total em números
Sempre	3.88%	15
Às vezes	31.52%	122
Raramente	46.25%	179
Nunca	18.35%	71

Fonte: elaborada pelo autor

O que podemos constatar com esses resultados é que os dois grupos descritos utilizam o pajubá em maior ou menor medida. Como proposto na hipótese do trabalho, vemos que as mulheres cisgênero heterossexuais utilizam o pajubá – ainda que com diferentes frequências (tabela 2). Especificamente, 80.88% das participantes utilizam as gírias/expressões em certa medida, enquanto que 19.12% nunca as utilizam. Vemos uma tendência similar ao analisar os dados das pessoas heterossexuais que as participantes conhecem (tabela 3): 81.65% destas pessoas utilizam o pajubá em alguma medida e 18.35% nunca o usam.

Os primeiros resultados mostrados já nos ajudam a corroborar uma das hipóteses iniciais do trabalho, na qual argumentamos que o português está se “tornando” mais *queer* ao incorporar itens lexicais do pajubá. Ou seja, o que antes era exclusivamente LGBTQIA+, hoje já ultrapassa as barreiras tênues da linguagem onde cis-hetero e *queer* se misturam.

Para testar a plausibilidade daquela hipótese mais uma vez, perguntamos as participantes se as gírias e expressões do pajubá são uma exclusividade da comunidade LGBTQIA+ ou se são usadas por quaisquer pessoas independentemente de sua identidade de gênero e/ou orientação sexual. Como resposta para este item do questionário, 25.32% das participantes (98 no total) escolheram a primeira opção, enquanto que 74.68% (289 participantes) selecionaram a segunda. Logo, o que obtivemos como resultado aqui nos ajudou novamente a corroborar nossa hipótese e nos permite afirmar que de acordo com nossas participantes, o pajubá não é visto apenas como um dialeto da comunidade LGBTQIA+, este também transita entre falantes nativos do português cisgêneros-heterossexuais.

Como discutido anteriormente, o pajubá foi popularizado por religiões marginalizadas, identidades de gênero não hegemônicas e sexualidades dissidentes e muitas de suas expressões

eram/são usadas para falar sobre sexo e obscenidades (BARROSO, 2017; LIMA, 2018). Com o intuito de descobrir se esse caráter obsceno e proibido do pajubá ainda é preponderante na contemporaneidade, elaboramos duas questões sobre o tópico. Primeiramente, questionamos o quão confortáveis nossas participantes se sentiam ao ouvirem as gírias e expressões pajubeiras em geral. 58.91% responderam que se sentia confortável, 34.63% indiferente, 0.26% (1 participante) se sentia desconfortável e 6.20% escolheram a opção *as pessoas não usam o pajubá perto de mim*.

Para comprovar a tendência acima, reformulamos a pergunta anterior de maneira mais direta e questionamos se o pajubá é ofensivo ou não. Neste caso, 1.03% (4 pessoas) respondeu que sim e 98.97% (383 participantes) disseram que não. As participantes tiveram a oportunidade de explicar suas escolhas de maneira discursiva caso escolhessem a opção *sim*. Entre essas respostas, destacamos i) a que critica o caráter excludente do dialeto quando os interlocutores não possuem a mesma proficiência que os locutores e ii) a que advoga contra estereotipar o pajubá, respectivamente: “Sempre que houver por perto alguém não familiarizado com essa linguagem” e “Quando são utilizadas como zombaria, uma pessoa utiliza estereotipando a linguagem como se o homossexual só soubesse se comunicar usando o Pajubá”. Como podemos ver aqui, ainda que as participantes tenham escolhido a opção *sim*, que classificava o pajubá como ofensivo, suas respostas contradizem possíveis expectativas de que o dialeto é essencialmente ofensivo. Na realidade, verificamos que as participantes falaram a favor do dialeto ao refletirem sobre sua função discursiva e pragmática. Em outras palavras, nenhuma das participantes classificou o pajubá como injurioso, mas chamaram a atenção para a efetividade na comunicação entre interlocutores quando o dialeto é usado. Ou seja, com os resultados apresentados aqui, podemos inferir que o pajubá não carrega mais o mesmo estigma social imposto a si quando este começou a se espalhar pelo país durante o período da ditadura (TREVISAN, 2018). Se antigamente o dialeto era estigmatizado, assim como os idiomas e religiões africanas como no caso do iorubá e candomblé, hoje, o pajubá é visto como um meio de comunicação entre pessoas de identidades sexuais e de gênero dissidentes e/ou hegemônicas. Ao utilizar palavras como *zombaria* e *estereotipando*, uma das participantes atentou para o fato de que a relação entre as identidades sexuais e os modos de se comunicar são fluidos, assim como previsto pelo paradigma epistemológico da LQ.

Em 2017, Kinyua analisou uma comunidade de fala *queer* em Nairobi, Quênia, e descobriu que diferentes comunidades *queer* utilizam diferentes língua(gens) *queer* dependendo de seus países, confirmando a tendência variacionista já apontada por Kulick (2000). Por exemplo, Kinyua mostrou que alguns de seus participantes preferiam utilizar uma linguagem *queer* para falar de suas sexualidades e identidades de gênero, enquanto que outros participantes preferiam não usar a mesma

linguagem porque esta era intrinsecamente muito *queer*. Ou seja, algumas pessoas preferiram não incluir o linguajar *queer* quando falavam sobre tais questões.

Kinyua (2017) também descobriu que a comunidade queniana analisada utilizava uma linguagem *queer* por 3 razões principais: 1) para criar um sentimento de pertencimento; 2) para esconder sua identidade de pessoas heterossexuais; e 3) para esconder suas identidades por medo de serem presas, se sentirem oprimidas e estigmatizadas; entre outras que serão expostas nas tabelas 4 e 5 a seguir.

Conseqüentemente, na tentativa de entender os porquês de uma língua(gem) *queer*/LGBTQIA+ ser utilizada no Brasil, neste caso o pajubá, bem como os fatores sociais que influenciam seu uso, adaptamos as perguntas propostas por Kinyua e as incluímos em nosso questionário que foi aplicado a diferentes perfis de participantes e não somente pessoas LGBTQIA+/*queer* como no estudo queniano. Para este trabalho, nossas participantes puderam escolher quantas opções representassem suas opiniões, ou seja, a pergunta que formulamos não exigia uma única resposta. De tal modo, as opções disponíveis foram escolhidas 1042 vezes.

TABELA 4: Os porquês de as pessoas utilizarem as gírias/expressões do pajubá

Para/Por que as pessoas utilizam o pajubá	Porcentagem	Total em números
Para socialização	24.76%	258
Porque é divertido	20.15%	210
Para se sentirem pertencentes à comunidade LGBTQIA+	16.70%	174
Porque usar o pajubá sempre fez parte da comunidade LGBTQIA+ no Brasil	13.63%	142
Para se sentirem bem consigo mesmas enquanto pessoas LGBTQIA+	11.32%	118
Para serem aceitas por outras pessoas da comunidade LGBTQIA+	5.57%	58
Para esconderem suas identidades por medo de opressão, preconceito e estigmatização social	2.21%	23
Para separar a comunidade LGBTQIA+ da comunidade heterossexual	1.54%	16
Para esconderem suas identidades de pessoas heterossexuais	0.58%	6
Para esconderem que se identificam como LGBTQIA+ dos outros membros da família	0.58%	6
Porque quem é LGBTQIA+ tem que usar o dialeto	0.48%	5
Outro (por favor, especifique)	2.50%	26

Fonte: elaborado pelo autor

Assim como recém descrito, cada comunidade de fala tem suas particularidades. Portanto, o que podemos ressaltar com os resultados da tabela 4 é que entre as opções mais escolhidas por nossas participantes, se destacam aquelas com um caráter mais positivo com relação ao uso do pajubá. Ao escolherem opções como *para socialização*, *porque é divertido* e *para se sentirem pertencentes à comunidade LGBTQIA+*, nossas participantes mostraram que entre os fatores sociais que influenciam

o uso do pajubá, se evidenciam mais os positivos do que os negativos. De tal modo, podemos inferir que nossas participantes entendem, majoritariamente, os usos discursivos e pragmáticos do pajubá de forma positiva. Tal percepção destaca o caráter inclusivo do dialeto e as práticas de socialização comuns à comunidade LGBTQIA+, onde divertimento, pertencimento e afirmação identitária são os principais porquês de as pessoas utilizarem as gírias e expressões pajubeiras, assim como discutido na seção 3.

Ao analisarmos as opções menos escolhidas, vemos que, contrariando o estudo de Kinyua (2017), opiniões mais excludentes e conservadoras sobre uso de uma língua(gem) *queer* se verificam minoritariamente no caso brasileiro para as participantes que se identificam como mulheres cis-heterossexuais. Ao escolherem com menos frequência opções que demonstram separação e exclusão entre indivíduos e grupos que falam ou não o pajubá, nossas participantes demonstraram que o dialeto transita entre diferentes comunidades *queer* ou hétero e que assumir que toda pessoa LGBTQIA+ deve ser fluente em pajubá ou que pessoas heterossexuais não utilizam o dialeto são equívocos, pelo menos contemporaneamente, corroborando mais uma vez uma das hipóteses deste trabalho.

Ainda no que diz respeito a questão anterior, oferecemos as nossas participantes a possibilidade de acrescentarem outros motivos pelos quais as pessoas utilizam as gírias e expressões do pajubá. Como mostrado na tabela 4, 26 participantes explicaram suas respostas de maneira discursiva. Refletimos agora sobre algumas dessas respostas que também nos ajudam a corroborar uma das hipóteses do trabalho que argumenta que as mulheres cisgênero heterossexuais são mais abertas à variação linguística, neste caso fomentada pelo pajubá no português brasileiro. Do mesmo modo, nossas participantes comprovam que as pessoas utilizam o pajubá ainda que nem sempre saibam de suas origens.

“Porque o Pajubá faz parte do arcabouço léxico do povo brasileiro. São gírias e expressões que já foram incorporadas ao vocabulário [...] e muitas pessoas utilizam sem perceber ou identificar essas expressões com a comunidade LGBTQIA+.”

“Porque acredito que as expressões e gírias vem sendo inseridas em nossos cotidianos, como a língua é viva elas passam a fazer parte do vocabulário do entorno da comunidade LGBTQiA+”

“Questões de pertencimento como aliada.”

“Acho que usam porque está simplesmente na moda. Nem mesmo se questionam de onde surge o dialeto ou a relação deste com sua orientação sexual.”

O que vemos nas respostas discursivas acima é que o pajubá já faz parte do “arcabouço léxico” de muitos falantes do português brasileiro e que o dialeto transita entre comunidades de fala que se identificam como *queer* e hétero.

Pelo fato de as línguas em geral estarem em constante movimento, suas gírias e expressões ultrapassam as barreiras linguísticas de suas comunidades de fala originárias e se misturam com outras comunidades. Portanto, entender como essa dinâmica acontece, seja através do léxico, da sintaxe, da fonética ou discursivamente, se faz necessário para uma melhor documentação da evolução linguística de qualquer idioma e para a expansão dos estudos da LQ no Brasil.

Como mostramos neste trabalho, incluir os câmbios linguísticos gerados por um falar *queer* como no caso do pajubá, não nos ajuda somente a documentar tais mudanças, mas também a entender a relação social intrínseca entre o dialeto e as comunidades que os utilizam. Por exemplo, ao analisarmos o que disseram nossas participantes, vemos que trazer à luz a contribuição linguística do falar *queer* brasileiro para a evolução do português nos permite a) conhecer melhor a história deste idioma, b) incluir em nossas pesquisas identidades que não costumam configurar em trabalhos acadêmicos da LQ, c) entender a relação e a percepção que identidades hegemônicas têm daquelas minoritárias e dissidentes, e d) compreender como a língua portuguesa se movimenta na contemporaneidade.

Por fim, questionamos nossas participantes sobre outras situações comunicacionais ou locais onde o pajubá é utilizado e obtivemos os seguintes resultados detalhados na última tabela.

TABELA 5: Em quais situações e locais as pessoas utilizam o pajubá

Locais e situações onde o pajubá é utilizado	Porcentagem	Total em números
Para se comunicarem com os amigos	34.02%	348
Para se comunicarem com conhecidos	15.35%	157
Em podcasts	14.47%	148
Na TV	12.90%	132
No Rádio	6.16%	63
Para se comunicarem com colegas de trabalho	5.38%	55
Nas revistas	4.20%	42
Nos jornais	1.86%	19
Eu não escuto/vejo as pessoas utilizando o pajubá	2.74%	28
Outro (por favor, especifique)	2.93%	30

Fonte: elaborado pelo autor

Assim como mostramos nos primeiros capítulos e na análise dos dados deste trabalho, o pajubá é uma ferramenta de comunicação utilizada por pessoas da comunidade LGBTQIA+ e/ou cisgênero heterossexuais. Igualmente, o dialeto está presente em diferentes contextos do cotidiano dos falantes do português brasileiro. Por exemplo, na tabela acima vemos que entre as situações e

locais onde as pessoas utilizam o pajubá se destacam o caráter informal do dialeto que é utilizado entre amigos e conhecidos, mas também em situações supostamente mais formais como no local de trabalho. Ademais, o pajubá ocupa espaços digitais e acompanha as evoluções dos meios de comunicação, se fazendo cada vez mais presente em podcasts, na TV, no rádio, em revistas e jornais.

Se em sua emergência, o pajubá era relegado a espaços periféricos e utilizados por indivíduos marginalizados devido às suas identidades de gênero, religiosa e/ou orientação sexual, como discutido na literatura usada para esta pesquisa, hoje o dialeto ocupa um lugar de maior visibilidade e continua contribuindo para a evolução da língua portuguesa no Brasil sem muitos dos constrangimentos sociais de outrora – fomentado assim a variação e queerização do português.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender as práticas sociodiscursivas que contestam a cis-heteronormatividade e consequentemente permitem novas concepções identitárias como as propostas pelos estudos *queer* requer constante diálogo entre grupos supostamente opostos, neste caso o *queer* e o cis-hetero.

Ao analisarmos práticas discursivas que edificam alteridades, podemos estabelecer novas formas de entender a construção da expressão humana e criar significados que satisfaçam nossos desejos por uma sociedade mais tolerante e inclusiva. Do mesmo modo, analisar as formas de superar padrões socioculturais nos ajuda a diminuir as limitações impostas pela cis-heteronormatividade; o que pode ser feito através dos paradigmas epistemológicos da LQ que analisa como a linguagem, língua e diferentes identidades de gênero e sexualidades interatuam.

Portanto, neste trabalho, nos propusemos a pesquisar como o pajubá fomenta a variação linguística no português brasileiro e analisar as opiniões de mulheres cis-heterossexuais sobre o dialeto. De tal forma, pudemos entender como essas pessoas percebem o dialeto, o utilizam e as atitudes que permeiam suas práticas discursivas sobre o pajubá e sobre a comunidade LGBTQIA+ através de uma análise lexical das gírias e expressões pajubeiras.

Orientados pelos pressupostos teóricos da LQ que tem como ponto de partida os estudos propostos por Leap, Livia & Hall, Borba, Fabrício & Moita-Lopes, Lewis, Silva & Melo (para citar apenas alguns dos autores aqui utilizados), descobrimos que estudos sociolinguísticos sobre como a comunidade LGBTQIA+ utiliza o pajubá contribuem para a consolidação daquela área disciplinar no Brasil.

Evidenciamos que há mais espaço e necessidade de estudos linguísticos que tenham como aporte teórico as discussões propostas pela LQ. Estudos como este sobre o uso do pajubá por pessoas

(não) LGBTQIA+ ajudam a consolidar novas epistemologias como a proposta aqui e comprovar o caráter fluido da linguagem.

Prestar atenção aos usos do dialeto, as opiniões e discursos que o classificam, nos ajuda a estreitar os laços de grupos supostamente opostos. Se um dos objetivos da LQ é questionar as concepções e efeitos da cis-heteronormatividade e da homonormatividade na sociedade, devemos incluir em nossas pesquisas o máximo de identidades e expressões de gênero e orientações sexuais, ainda que estas possam *a priori* parecer alheias ao mundo queer, como as identidades cis-heterossexuais.

Identificamos lacunas no estudo da variação dialetal no português brasileiro através de uma perspectiva *queer* e então examinamos o uso do pajubá por mulheres cisgênero heterossexuais através dos paradigmas epistemológicos expostos. Ainda que seja uma tarefa quase impossível mapear todas as variações dialetais pajubeiras existentes no Brasil, é possível entender como subgrupos *queer* ou não *queer* utilizam o dialeto.

Ao olharmos para como nossas participantes e seus conhecidos heterossexuais utilizam o pajubá, pudemos demonstrar como a variação linguística presente no português brasileiro não é apenas alimentada por discursos e linguagens cis-heteronormativas. Ou seja, ao analisarmos as atitudes e práticas comunicacionais no uso das gírias e expressões pajubeiras, identificamos relações sociais e discursivas inclusivas por parte de um grupo supostamente oposto ao mundo *queer* de acordo com o paradigma da cis-heteronormatividade. Especificamente, ao observarmos as opiniões de mulheres cisgênero heterossexuais sobre o pajubá, conseguimos preencher uma dessas lacunas na LQ no Brasil e consequentemente contribuir para tal inovação epistemológica que vem desafiando a estigmatização e o preconceito linguístico advindos de concepções cis-heteronormativas.

Não intencionamos medir a fluência ou performance linguística das participantes, mas sim entender os fatores sociolinguísticos que influenciam a queerização do português brasileiro, neste caso através de uma análise lexical. Por exemplo, entre tais fatores vimos que as participantes adotam gírias e expressões pajubeiras mesmo que sua frequência de uso, fluência no dialeto e conhecimento geral sobre ele variem. Em outras palavras, as mulheres cisgênero heterossexuais contribuem para a queerização do português brasileiro e pesquisar como utilizam o dialeto visto como LGBTQIA+ é entender como a variação linguística se apresenta.

Assim, na tentativa de respondermos à pergunta de pesquisa que questionou os fatores sociolinguísticos que permitem e difundem o uso do pajubá entre falantes nativos do português brasileiro, conseguimos corroborar as hipóteses de que as mulheres (cis-heterossexuais) estão abertas à variação linguística como previsto por Lau (2015) e Barroso (2017). Também conseguimos demonstrar que pessoas cis-heterossexuais utilizam o pajubá, ainda que nem sempre saibam que as

gírias e expressões sejam pajubeiras. Portanto, vimos que o dialeto já não é uma exclusividade da comunidade LGBTQIA+, embora esta seja o subgrupo com maior frequência de uso das gírias e expressões em foco.

Entre as perguntas que incitam futuras pesquisas sobre o pajubá, destacamos, por exemplo, o uso de gírias, expressões, jargões *queer* utilizados por outros grupos dentro da comunidade LGBTQIA+. De acordo com a literatura que consultamos para esse trabalho, sabemos que o pajubá era primordialmente utilizado por homens gays e mulheres transexuais e travestis. No entanto, as gírias e expressões pajubeiras já ultrapassaram as barreiras das identidades sexuais e ganham mais espaço em outros idioletos. Neste sentido, indagamos: será que pessoas que se identificam como bissexuais têm preferência(s) com relação às gírias e expressões pajubeiras? Se sim, quais são? Citamos como exemplo aqui a identidade bissexual porque assim como também mostrado no marco teórico do trabalho, este é um dos grupos que merece mais atenção dentro dos estudos da LQ. Do mesmo modo, podemos pensar em outras identidades sexuais ainda não exploradas o suficiente, como as pessoas assexuais. Por fim, ao considerarmos o processo de inserção, uso e permanência de certas gírias e expressões, quais seriam as que se mantiveram no português brasileiro desde a chegada do iorubá em terreiros de candomblé do país ou as que já caíram em desuso na língua portuguesa? Ou por exemplo, se pensarmos na semântica e nos usos discursivo-pragmáticos dessas palavras e frases, quais foram as mudanças ocorridas através de uma perspectiva diacrônica? Proporcionar perguntas como essas e incitar propostas para pesquisas futuras que tenham como marco teórico a LQ são apenas algumas das formas de entendermos como a língua portuguesa se movimenta em terrenos sociolinguísticos que se querem hetero, homo, bi, cis, trans...

REFERÊNCIAS

- ALONSO, M. C. *The Development of Yoruba Candomble Communities in Salvador, Bahia, 1835-1986*. Palgrave Macmillan, 2014.
- BARROSO, R. R. *Pajubá: o código linguístico da comunidade LGBT*. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) - Escola Superior de Artes e Turismo, Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2017.
- BENISTE, J. *Dicionário Yorubá - Português*. São Paulo: Bertrand, 2011.
- BORBA, R. Linguística Queer: Uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. *Revista Entrelinhas*, v. 9, n. 1, p. 91-107, 2015.
- BORBA, R. *Discursos transviados: por uma linguística queer*. Editora Cortez, 2020.
- CANDOMBLÉ AT A GLANCE. 2009. Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/religion/religions/candomble/ataglance/glance.shtml>. Acesso em: 15 março 2021.
- CRUZ, L.; TITO, R. d. A comunidade LGBT no desdobramento da língua iorubá. *Cadernos do CNLF: Sociolinguística, dialetologia e geografia linguística*, v. 20, n.12, p. 9-21, 2016.

- DYNES, W. R. Portugayese. In: S. O. Murray. (Ed.). *Latin American male homosexualities*. Albuquerque: University of New Mexico Pres, 1995, p. 256-263.
- EBERHARD, D. M.; SIMONS, G. F.; FENNIG, C. D. (Eds.). *Ethnologue: Languages of the World*. Dallas, Texas: SIL International. 2022. Disponível em: <https://www-ethnologue-com.ezproxy.leidenuniv.nl/language/yor>. Acesso em: 12 fevereiro 2022.
- G1. *Educação: Enem 2018*. 2018. Disponível em: G1: <https://g1.globo.com/educacao/enem/2018/noticia/2018/11/05/veja-resolucao-de-questao-do-enem-que-aborda-status-do-pajuba-como-dialete-secreto-dos-gays-e-travestis.ghtml>. Acesso em: 15 março 2021.
- GOMES, L. (2019). *Escravidão–Vol. 1: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares* (Vol. 1). Globo Livros.
- KELSEY, M. Queer slang and negative identity: How GLBT individuals own and reject homophobic slang. In: B. Drushel; K. German (Eds.), *Queer identities / Political realities*. Cambridge Scholars Publishing, 2009, p. 155-180.
- KINYUA, G. K. *A lexical–semantic analysis of the language of the lesbian, gay bisexual and transgender communities in nairobi city county, kenya*. Tese doutoral. Kenyatta University, 2017
- KULICK, D. Gay and lesbian language. *Annual review of anthropology*, v. 29, n. 1, p. 243-285. 2000.
- LAU, H. D. A (des) informação do bajubá: fatores da linguagem da comunidade LGBT para a sociedade. *Temática*, v. 11, n. 2, p. 90-101, 2015.
- LAU, H. D. Será que toda “mona” fala “bichês”? A questão da linguagem e identidade da comunidade LGBT. *Revista temática*, v. 13, n. 3, 2017.
- LAU, H. D.; SANCHES, G. J. A linguagem não-binária na língua portuguesa: possibilidades e reflexões making herstory. *Revista X*, v. 14, n. 4, p. 87-106, 2019.
- LEAP, W. (Ed.). *Beyond the lavender lexicon: Authenticity, imagination, and appropriation in lesbian and gay languages*. Routledge, 1995.
- LEWIS, E. S. Do “léxico gay” à Linguística Queer: desestabilizando a norma homossexual oculta nas Teorias Queer. *Estudos Linguísticos*, v. 47, n. 3, p. 675-690, 2018.
- LEWIS, E. S. Por uma Linguística Cu(-ir). *Cadernos de Linguagem e Sociedade, [S. l.]*, v. 21, n. 2, p. 327–349, 2020. DOI: 10.26512/les.v21i2.35174. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/35174>. Acesso em: 22 mar. 2022.
- LIMA, C. H. L. d. *Linguagens Pajubeyras: Re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade*. Salvador, BA: Editora Devires, 2018.
- LINDSTROM, L. Book Reviews: Beyond the lavender lexicon: Authenticity, imagination, and appropriation in lesbian and gay languages.; Queerly phrased: Language, gender, and sexuality. *Society of lesbian and gay anthropologists newsletter*, v. 20, p. 8-10, 1998.
- LIVIA, A.; HALL, K. (Eds.). *Queerly phrased: Language, gender, and sexuality*. Oxford University Press, 1997.
- LOPES, L. P. da; FABRÍCIO, B. F. Por uma ideologia linguística responsiva às teorizações Queer. *Cadernos de Linguagem e Sociedade, [S. l.]*, v. 21, n. 2, p. 370–387, 2020. DOI: 10.26512/les.v21i2.35701. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/35701>. Acesso em: 22 mar. 2022.
- MELO, I. F. de. Passabilidade e visibilidade de LGBT+ na imprensa do Brasil. *Cadernos De Linguagem E Sociedade*, 21(2), 307–326, 2020. DOI: <https://doi.org/10.26512/les.v21i2.35249>.

- MENDONÇA, N. *A influência africana no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Sauer, 1933.
- MOURA, J. R. *Da sombra às cores: análise discursiva do dicionário LGBTs Aurélia*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.
- MURRAY, S. O. *Latin American male homosexualities*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1995.
- NETTO JUNIOR, N. G. *O percurso semântico de alguns vocábulos do pajubá: gírias faladas pelas bichas*. Universidade de Brasília, 2018.
- RODRIGUES, N. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1932.
- SCIPPER, V. A.; LIBI, F. *Aurélia: a dicionária da língua afiada*. São Paulo: Bispo, 2013.
- SILVA, A. L. *Gíria LGBT como empoderamento linguístico: a construção de sentidos no gênero "Meme"*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Letras) - Centro de Humanidades "Osmar de Aquino", Universidade Estadual da Paraíba, 2018.
- SILVA, D. da C. P., MELO, I. F. de. Apresentação - Dossiê: Perspectivas Queer nos estudos da linguagem. *Cadernos De Linguagem E Sociedade*, 21(2), 274–279, 2020. DOI: <https://doi.org/10.26512/les.v21i2.35271>.
- SUE, V. M.; RITTER, L. A. *Conducting Online Surveys* (2nd ed.). Sage.
- TREVISAN, J. S. *Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Objetiva, 2018.